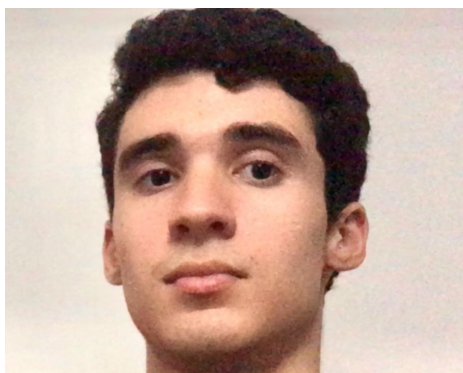


Capa do livro “Impressões”

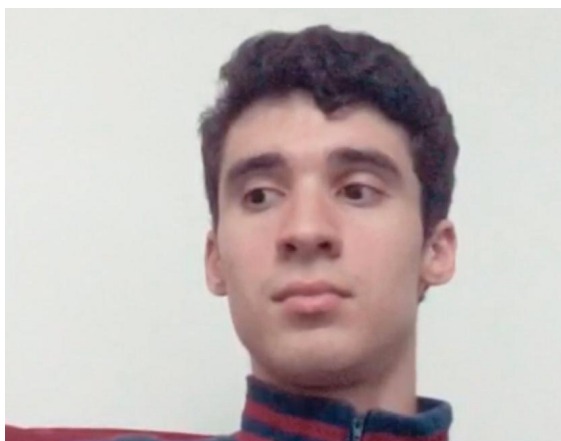


Impr

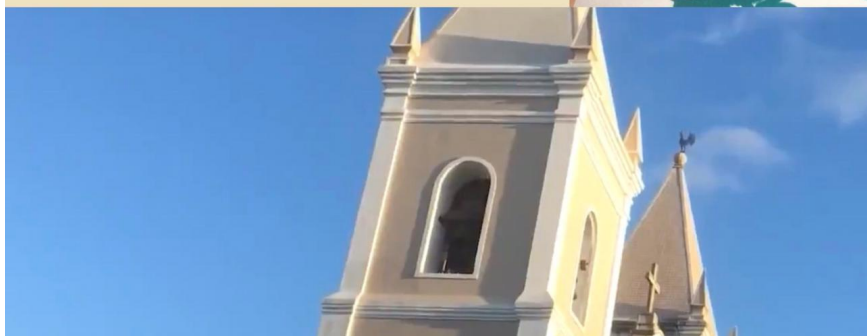
ES sões



Cartaz do filme “Impressões”



Impressões



Fabio Antonio

Impressões

© Fabio Antonio

Connect with Fabio:

[YouTube.com/@fabioantonioart](https://www.youtube.com/@fabioantonioart)

[Instagram.com/fabioantonioart](https://www.instagram.com/fabioantonioart)

Impressões

Milho-Mor

Era deleitosa a paisagem da flor vermelha-rosa no meu quintal. Uma rosa afortunada adoçava o café que a pouco chegará, porque é manhã. Acordo e já me deparo com as telhas da minha casa em Milho-Mor. A égua da rua, Bertha, já se encontrava em visão. Do lado, um cavalo bem-humorado, apesar de ter pouco espaço. Eles dificilmente interagem. Bertha tem mais humor, porque vive solta. Não limitada, exatamente como o céu. Ela pode caminhar. Assim como eu. É aprazível ver e sentir o sol. Aonde ela irá?

O sol já se põe. O ocaso chegou. Ao menos, é o que o horizonte me diz. O belo e divino horizonte. Esqueçamos o drama anterior. A morte do... Esqueçamos... A magnífica atmosfera do nosso planeta. Sua flora estupenda, a construção que os seres humanos fizeram e suas árvores que eles talvez apreciem. A noite chegou. Rapidamente este dia passou. Os postes sempre me deixam melancólico. Esse, por exemplo, me lembra a lua. Uma lua menos longe para que minha visão não fique embaçada. Amanheceu. É um novo dia. É essa sensação que tenho. Os dias voam. Nossos dias voam e as árvores permanecem sempre.

Hoje acordei em outra casa. Porém, na mesma cidade. É tempo do café da

manhã. Vê só? Duas chávenas de café, leite e açúcar. O dia me parecia alvissareiro. Moro aqui na cidade de Milho-Mor há quase uma década; mas, em verdade, sou de Serra Musical. Nasci lá há quase... Bem, não hei de revelar minha idade. Nuvens! O firmamento me acalma! Pego ou não pego esses pães?

Afirmo apenas que nasci lá há quase vinte anos. Filho de Anil e *Mãezinha*, cresci a admirar a nossa flora. Amo, até hoje, flores de toda espécie e me prendo em toda paisagem que vejo. Seja rural, urbana, doméstica, natural, artificial ou animal. Aqui estamos na casa do meu avô, o Doutor Arthur Milton. Ele operava na cidade, mas construiu seus aposentos no campo. Do modo rústico que assaz o agrada.

Ele presta atenção nos pormenores de cada cômodo e eu não sou diferente. Não me entenda mal. Não sou bisbilhoteiro. Sou observador. É distinto! Sua esposa, Josefa, é uma excelente costureira e Milton mais que domina a habilidade de alfaiate. Esses são os arredores da residência do casal Milton. O gato deles, como viu. Pedras, cerâmica, ervas, mata solta e cães ladrando e olhando. Desde vários até um só.

Ele mora na mesma rua que eu. Aqui já estamos no meu ponto da estação, digamos assim. Oh, voltemos ao cavalo preso. Bastante o admiro. Bertha! Minha querida Bertha! Ela não para de se alimentar. Fui caminhar por Milho-Mor e encontrei essas variegadas flores em uma das

esquinas, inclusive rosas. Depois do almoço, todos descansam, olham e, finalmente, vão para seu destino. Amo todos os animais, igualmente cães e gatos, sem polarizar; e moro com Pandora. *All Right, Mr. DeMille, I'm ready for my close-up.* Não que ela seja agourenta. Apenas estava lendo um livro sobre mitologia no dia que a adotei. Certas coisas não possuem explicação atraente, como gostaríamos. Ao falar em atração, decerto não imagino Pandora em seu momento íntimo de toalete.

Como já expressei, os detalhes me fascinam. Eu não sei o porquê. Talvez seja uma forma de pertencer por alguns segundos a alguma coisa. Mais tarde; ainda durante a noite, fiz um bolo. Era uma espécie de tradição

desde que meu pai morreu. Ainda não
estou preparado para entrar nesse
assunto. Chame-me para discorrer à
vontade sobre botânica, moda ou
quicá meteorologia física.

O vento é precioso.

As folhas.

As formigas.

A vida. A vida.

A pulsão dos seres e fazeres que a
existência possui.

O vibrar da emoção do cãozinho.

Das flores a cor.

Das ervas o sabor.

Da continuação o prazer maior de
todos.

Como bem percebeu, estava na casa dos Milton. De lá, não arredo o pé. Eles querem e cultivam minha companhia e eu procuro não ficar na melancolia. No caminho para a igreja, vi algumas ovelhinhas e até ruminantes. Foi um instante especial. Vê-los, todos quadrúpedes, em tão puro idílio... Não me canso de fitar as nuvens. Nem sequer cesso. Aqui eu nomeei o Lounge das Borboletas, porque há muitas passeando em todas as manhãs de sol. Elas realmente gostam de sol. De volta para meu lar, Pandora não parava de explorar o ambiente, como se estivéssemos na Mata Atlântica. A Mata Atlântica da parede.

Uma coisa que me esqueci de dizer... Minha casa tem uma parte de telha e uma parte de gipsita. E há três entradas diferentes. De uma delas, pode-se ver a Igreja do Laranja Majestoso que pairava imponentemente no ar de Milho-Mor, cujas árvores traziam uma frescura durante qualquer passeio que fizéssemos no crepúsculo. As nuvens extensas e o satélite se somavam a uma pintura com as tonalidades alaranjado de março, púrpura azulada e rosa de lata. Uma lata tão láctea, como o leite que o gatinho da casa adjacente supostamente bebe.

Anoiteceu. Jantei na residência dos Milton. Entretanto, antes da meia-noite, estava em minha alcova. Era aprazível ver minhas telhas

novamente. Minhas famosas, e não infames, como vidraças quebradas, telhas. Não pode ser! Pandora! O que faz aqui? Gardênia? Pandora? Ah! Vocês estão bem! Só estão desfrutando do zéfiro de Milho-Mor. Aqui, os dias são mais bonitos. Conheça Mada, a qual gosta de passarinhos. Mas não para comê-los, como os urubus fazem. Só para vê-los mesmo, como um gato bem observador. Meu avô materno Milton amava galinhas e Josefa as amava sobremodo. Todavia, só ele cuidava delas. Josefa ficava mais na supervisão de todas as atividades e funções que a labuta doméstica pede. Quantas vidas! Quantos voos! Temos um jogador!

É verdade que não sou capaz de me afastar muito do meu avô Milton. Em

verdade, não é bem da pessoa dele. Porém, da paisagem resplandecente que a casa dele pinta. Só me afasto quando saio do quilômetro. Quando vou à igreja; pois procuro regar minha espiritualidade; ver rosas no Jardim Municipal, o Ipê Amarelo no Círculo de Amabilidade dos Conselheiros, ou à feira, um evento regional, indubitavelmente. Há cores, sabores, benfeitores e, claro, malfeitores. O bem e o mal existem em todo lugar. Inclusive em nós mesmos. Quando cheguei, o último, o antônimo de quem majoritariamente sou, predominou em mim. Um vazio tremendo. Uma solidão colossal. Uma tristeza injusta. Fiquei horas vendo o teto, a lâmpada, as sombras e refletindo sobre o mundo sensorial lá fora. Subsequentemente, adormeci. Tive um sonho. Imaginei-me num

lugar bucólico. Num rio marrom-esverdeado, próximo a árvores frondosas e antigas. Tive um sentimento de que o leito era bastante pedregoso, embora fosse belíssimo. Depois, vi a mudança abrupta de uma planta da seca ao viço. No ápice do devaneio, vi em um ângulo distorcido uma herdade desconhecida a mim mesmo. Ovelhas conversando, uma pintura campestre, mais outra rústica e, em um apartamento do quarto andar que não me era conhecido também, minha própria imagem num espelho de feição moderna. Eu parecia preocupado com minha pele, com um possível envelhecimento. Senti-me um homem de meia-idade.

Nosso coração é cheio de mistérios e, ainda assim, sobre ele a ciência muito

estudou. Em Milho-Mor, a noite chegou e eu dormia. Acordei e retornei a dormir. Vi em minhas alucinações hipnagógicas porcelanas com desenhos floridos e ilustrações elegantes.

O sino... enquanto eu via... o sino bradava, o sino tocava, o sino clamava. Acorde! Acorde! No entanto, eu não acordava. Na estrada arenosa e seca, prosseguia. Prosseguia sem cessar, mas calmamente. Nossa natureza era um espetáculo aos sentidos e eu gostava de tudo que era sensual. Explorei o quanto pude tudo que se exibiu para o paladar dos meus olhos, o olfato da minha língua, a visão do meu nariz e o cheiro da minha boca. Tudo era harmônico. Os ruminantes viviam, com as aves e os insetos, na mais

perfeita paz. Havia também alguns equinos. O mandacaru era um dos grandes atores no palco sertanejo, e as lavouras de milho eram as cortinas. Atrás delas, demonstrava-se o descortinado, o teatro que somente a alma conhecia e sentia. Há quem goste de separar corpo e alma, distinguir o indistinguível, porém, não sou desse modo. Graças aos meus dedos, graças à minha mão, toquei no que a alma queria e, destarte, os dois, carne e espírito, se satisfizeram nesta imensidão. Aqui é onde se desenvolve a vida. Apressada, medrosa, lenta, serena, todas airoas. Misteriosas, encantadoras, como rosas, e o fabuloso ocaso que nunca chega ao acaso. Sabemos quando e onde encontrá-lo.

Estava esfriando. O milharal me acompanhava fielmente e eu caminhava. Caminhava. Apreciava o alaranjado de março e caminhava. Era dezembro, mas o laranja era de março. Delacroix sabia. Escureceu no sertão. Vi subitamente uma porcelana e a vista frontal de um local que eu não conhecia. Só pressentia que era em Milho-Mor.

Acordei! Abacate! Acabaste com o abacate! Ainda estou pronunciando contra-sensos? Pandora sentiu minha falta e ficou merencória com minha ausência. Dormi tanto, na extensão do encanto das maravilhas. Pandora me ignorou o resto do dia, ou, ao menos, os cães eram mais intrigantes. Concentrei-me na pintura que o tempo e o limo fizeram na minha

parede. Flores! Já o exclamei. Não consigo respirar por uma rotação sem não corresponder à atração com a qual as flores me fazem viver. O clima estava nublado. Quanta determinação! Congratulações, garoto! Pandora também estava deveras obstinada em se lavar! Vivien Leigh me disse uma vez que o segredo para relaxar era observar a forma como os gatos relaxavam.

Serra Musical

Saí de Milho-Mor! Serra Musical me convidou. Quero dizer, minha madraستا, Edna Maria, me propôs uma viagem. A formosa Igreja dos Pombos e dos Galos me parou por segundos e depois era hora de encarar a casa na qual meu pai viveu por tantos e felizes anos. Não consigo! Não irei! Ela quer me fazer mal. Algum mal. Esse convite é estranho! Um telegrama! Não um telefonema, ou uma carta. Não! Um telegrama! Essa mulher quer me... mas não fiz essa viagem ao léu! Olhei o céu! Entrei. Lustre decorado, parede de ternura... esta é a cadela da minha madraستا. Ela chama-se Nora. Edna Maria fez café. Conversou. Demonstrou sua terrivelmente

expansiva atenção. Limpou o banheiro diligentemente, deu-me o quarto principal, os espaços ventilatórios e sentou-se para mais prosa. Lá fora, não só lá, mas lá que o vi, o céu estava cinzento.

Edna Maria não era má. Ao menos, inteiramente. Justo. Não diga que ela era maléfica, Frederico. Mas bondade em sua pessoa era uma questão de tradição, e não de legitimidade. Era bondosa quando os costumes requeriam a versão gentil de sua personalidade numérica e multifacetada. Por tal motivo, a saber, menos por amor do que conveniência, Edna preparou a casa com limpeza, comida e atenção. Ela não era uma anfitriã comum, digamos assim. No sentido usual da palavra, pode-se

afirmar. Edna não fazia caridade pelo seu próprio coração, nem para possíveis recompensas divinas. Imediatista, ela premeditava suas ações caridosas para receber o resultado no momento de reação dos seus contemporâneos. Não lhe era suficiente dizer que a casa estava limpa; precisava limpar na minha frente para que eu visse, e não somente imaginasse ou deduzisse, seu esforço descomunal. Preparou uma sopa na minha frente com todos os detalhes da refeição, sem deixar de mostrar os favores de sua afetuosa linguagem e sem perder sua compenetração no labor.

O Sol deu seu banho vespertino. Enquanto Edna saiu para a padaria, e Nora esperava sua amiga com sua

costumeira devoção canina, fui fazer um bolo de ovos. A cobertura seria feita com o carinho e a tenacidade de Nora. A Lua estava em sua vigilância. Edna chegou e fez questão de olhar seu armário para verificar se em alguma coisa eu tinha manuseado. Não havia findado o primeiro dia da nossa convivência e já havia um indefinível incômodo. Qual? Oh! Maria Callas! Edna gostava de Madame Callas, La Divina, e toda noite, após o jantar, assistia às performances mais memoráveis da soprano e discutia sobre elas comigo. Toda noite, sozinha. Mas hoje à noite, foi comigo. Fui ao forno e peguei o bolo. Apenas esse solo árido, embora macio, iria me deixar seco. Tratei de fazer um suco de beterraba, melancia e couve. Ambos estavam

enormemente deliciosos! Não havia provado nada mais sávido!

Um pouco mais tarde, Edna tomou um banho e sentou-se à mesa para arranjar algumas flores que colhera no jardim. Cheirava as pétalas e relembrava características do meu pai. Seu primeiro e único esposo, até o momento. Havia um sentimento lutuoso em seus gestos; uma delicadeza infinita em seus trejeitos. Uma flor é tão suave quanto o rosto do ser amado. Depois, deitamo-nos e assistimos à *Aurora*, de Murnau. Ela comentava sobre as cenas da obra com bastante louvor.

Na manhã seguinte, ela já estava varrendo a rua, enquanto o sol nascia.

O dia me parecia ser mais colorido. Uma rosa laranja se sobressai entre todos os vasos telúricos. Era a forma mais venusta que meus olhos haviam fitado. O garbo da rosa, seu íntimo, seu âmago... imagine a fragrância! O bálsamo quase divino. A vida tem seu ritmo. A matéria é o metrônomo e o tempo talvez seja cruel, mas nada que a luta não amenize. O charme permanece em todas as idades e, diria, que a graciosidade está presente em emanções mais proeminentes nos mais antigos, porque a experiência funciona como uma essência assaz rica.

Decidi sair de casa pela primeira vez desde que cheguei. Fui à praça mirar os ramos intrincados das árvores sábias e cheias de história e

testemunho. Elas viram Tobias Barreto tocando flauta e o cisne Ademar em ação, possivelmente. No caminho de volta, pude apreciar algumas espécies diferentes de folhas, flores e arbustos. Todas reunidas agradavelmente em uma bem-apeçoada eufonia. Volte aqui! Ah, ele está em seu caminho, como as nuvens corpulentas da serra. Queria estudar nefologia e categorizar todas as nuvens do meu dia. Estava quase chegando em casa e o sol ia se pondo tranquilamente, embora tenha sentido um pouco de pressa em seu partir.

Quando cheguei, já era noite. Nora descansava intensamente. Lá fora, ventava muito e as maravilhas dançavam adoravelmente juntas como se tivessem sido ensinadas por

Duncan, Graham e Bausch. Havia uma surpresa na casa. A irmã de Edna, Dona Lavínia, estava de visita. O humor de Edna melhorou consideravelmente e ela até se mostrou pilhérica. Contudo, minutos depois, seu mal-humor emergiu da charneca na qual ele se escondia e ela me olhava zangada, colérica, furiosa, quase mefistofélica. Felizmente, a Sagrada Escritura estava por perto. Estava como sempre. Em minha alma, também.

Eu era uma criança sorridente. Celebrei o Natal no ano do meu sétimo e gostava do presépio. Foi o que sonhei. Sonhei com meu passado naquela noite de nervosismo e angústia. A manhã me trouxe um pouco de sossego e resolvi me ocupar

em tarefas domésticas. Suco de acerola e, depois, debulhei favas com diligência e paciência. Nora repousava e refletia embaixo da mesa. Ela começava a se apegar a mim. Senti sede e foi preciso um copo de água potável para me saciar. Todas as moléculas pareciam entrar em meu cérebro para me enlouquecer. O firmamento tinha seus atrativos e a vida lá fora, mas, dentro, me alimentei desenfreadamente. Foi um ato proposital para provocar Edna e tolher a excitação dos meus nervos, os quais não eram dignos da placidez das hibiscos rosas, ou da pacatez de um mamão, de um cacau, de uma cadela, à guisa de Nora, ou dos estames magicamente complacentes do jardim de Edna Maria. Nora me seguia por todo lugar. Ela se sentia sozinha e eu lhe era uma afável companhia.

No início do período vespertino, sob o mamoeiro, uma formiga explorava, amoras pendiam e *genus portulaca* entendia que era tempo de se proteger da luz solar. Enquanto outras, como o tapete de rainha, estavam esplendorosas com toda a exuberância. Tomei um suco de maracujá-do-mato numa chávena para relaxar e depois um pão crocante com uma xícara de café com leite. Eram tempos árduos e prenhes de reflexões e até num simples derramar de um líquido eu viajava em minhas divagações. Edna se arrumava em seu quarto. Foi convidada pela sua irmã para visitá-la em sua residência e, conseqüentemente, ajudá-la com os afazeres de limpeza. Eram apenas três ou dois quilômetros de distância. Mas

antes... devo dizer que algo me assustou e me intrigou.

Tenho uma jarra de vidro na qual ponho sempre rum e a guardo num mesmo lugar sobre uma fazenda de seda vermelha. Não sempre, mas desde que cheguei e hoje ela estava fora de seu costumeiro lugar, onde eu costumava ler romances de Flaubert. No quarto dos fundos, havia um armário e lá eu desconfiava que Edna poderia conter informações vitais sobre os pormenores da morte do meu pai, mas não tive coragem de abri-lo. Nos aposentos de Dona Lavínia, Edna procurava o que seus olhos não viam e repreendia sua irmã por cada irregularidade que encontrava, como se estivesse em seu sono perfeito, em sua idealização

irreal. Após limpar o espaço ventilatório, os retratos, o lustre, a louça holandesa de Napoleão no Egito, o prato de orquídeas laranjas com ervas na xícara, o presépio... foi quando embaixo do sofá encontrei um álbum. Era aparentemente a formatura de D. Lavínia, mas não tenho esse direito. Não o tenho.

Quando retornamos à nossa casa, era lusco-fusco. D. Lavínia veio conosco e cuidava em assar a carne em cima do carvão. Preparei pão com manteiga e café com leite, mas me recordei do bolo. Edna estava preocupada, percebi. Algo a incomodava. Não era o bolo de chocolate, o dente de alho, a pimenta em cima do pires, o maxixe em cozimento, ou a fotografia do meu avô paterno. Ela estava em um

tremendo estado de inquietude, em uma aflição. Estava em dúvida se tomava meu cotidiano rum, porém, decidi não me privar do regozijo da minha bebida e, talvez, atentar ao meu destino. Duas imagens passeavam na minha cabeça incessantemente. Bolo. Sempre um pedaço de bolo numa xícara e Edna abrindo a porta daquele guarda-roupa com sua ultrajante desconfiança. A noite andava e minha madrastra se deliciava com cacau, maracujá-domato e manga. Essa última eu comi. Nora estava confusa com tudo ao seu redor, e não a chuva, mas tudo. Tudo que era abstrato.

Sabia que Edna estava com o pensamento em alguma atividade sinistra. Foi quando ela anunciou que

iríamos ao cemitério amanhã. Desse modo, hoje mesmo, reservou três entradas na necrópole do povoado vizinho. Estava deveras perseverante em ir comigo ao campo-santo local e deixar que eu tomasse minhas próprias conclusões, já que era-me tudo hermético. Edna Maria é bastante peculiar e escolheu uma necrópole de cores vistosas para meu falecido pai. Lá, ela estava com seu batom púrpura e seu tom de remorso no rosto. Senti um pouco de ressentimento também na face de Edna enquanto estávamos próximos à lápide do meu pai. Ela tratou de limpar. Ajudamos-a. Trouxe balde... levou balde, mas sua compleição permanecia sorumbática.

Passos de arrependimento, de hesitação? Eu não sei. O que sei e presenciei foi que ela começou a se comportar com estardalhaço. Ela estava em uma espécie de jogo de xadrez comigo. Mais que quaisquer peças, Edna se sentia o tabuleiro. Sua vulnerabilidade anterior logo se despediu e ela passou a se comportar com seu típico desvario, a correr como uma lunática e a fingir que procurava o que nem mesmo sabia à guisa de qualquer inseto confuso e caminhante. Entrou no automóvel e fingiu que ia embora. Começou a movimentar o volante, como se estivesse brincando. Após essa demonstração pueril; eu, Frederico Afonso, assustado, decidi entrar e esperar o momento de finalmente irmos embora.

Fomos, mas não para casa. D. Lavínia sugeriu que visitássemos um casal de senhores, que eram seus amigos e, devo afirmar, que o sítio era inquestionavelmente agradável. Edna gostava de ser jocosa e, como um mineral, atrair curiosos para si. A natureza é o nosso ambiente. Todo ambiente deve ser natural. A vida só tem sentido se houver outras vidas. Não vivemos para a solidão. Só de olhar ovelhas, cavalos, gatos, cães, formigas, já fico feliz. Gosto de ver outras vidas. De saber que não estou sozinho. De admirar as rosas e Edna tinha muitas em uma pequena propriedade rural que mantinha a metros da rodovia. Ela tratou de me fazer um buquê. Foi estimulante ver um outro aspecto da personalidade de Edna. Sair daquela bastilha foi enriquecedor. No fim de tarde,

atendemos a um aniversário. No entanto, eu ainda me sentia uma borboleta morta, não uma rosa laranja como dantes. Havia uma situação enormemente insondável.

Será que eu estava tendo paranoia? Será que eu estava paranoico? Edna, eu tenho saudade do meu pai. Saudade. Eu não posso, por favor, e não hei de viver com amarguras. Escolho ter paz no meu espírito. Naquela noite, implorei pela sua sinceridade. Supliquei terrivelmente pela sua complacência e reconheci minha humildade. Não quero receber contraindicações de médicos. O que realmente teria acontecido? Não! Não! Não!

Enquanto eu me lamentava, Edna se mantinha impassível. O que realmente teria acontecido? Primeiramente, ninguém me comunicou, nem ao menos com um telegrama, a respeito da morte do meu pai no dia, ou até, na semana que ele morreu. E por ninguém, digo Edna Maria. Como um gato, precisava explorar e entender tudo. Segundamente, ela não me contou senão meses depois. Não entendo. Não havia nenhuma dificuldade em nossa comunicação e estávamos a aproximadamente cinquenta quilômetros de distância. Se soubesse, teria ido, participado e inclusive preparado todos os necessários ritos fúnebres, mesmo que à noite, sob o luar. Mas nada soube.

Depois da minha cena melodramática, Edna foi jantar. Jantou sozinha. Estava enervada. Enquanto assistia a um filme mudo de Gloria Swanson com suas orações de amor, eu chorava em minha alcova. No dia seguinte, quando amanheceu, minha estratégia foi fazer um doce de banana e enquanto estivesse no fogo, pediria para que ela mexesse e, assim, poderia sair sem ser notado. Após um tempo, Edna, claramente, sentiu minha ausência e ficou furiosa. Procurava-me. Estava cheia de sentimentos ambivalentes e havia um turbilhão em sua mente. Decidiu arrumar-se e ir à estação de trem, mas, evidentemente, lá não me encontrou. Já estava longe, embora tenha ido caminhando. Meu passo estava distante de ser lento. Eu só me lembrava de Pandora durante a jornada que resolvi empreender.

Lembro-me de quando meu pai faleceu. Foi um período conturbado em minha existência. Vivi como um recluso em Milho-Mor e pela minha condição de eremita sofri arduamente. Poderia ter ouvido algum comentário, algum índice por meio da matraca popular, porém, mal saía de casa. Hoje, encontro-me frustrado e magoado por não ter comparecido aos últimos minutos terrenos do meu querido Anil. Aos últimos segundos somáticos, quero dizer, pois sua alma já havia ido embora para sua casa, sua verdadeira casa. Arrependo-me de não ter visitado meu progenitor, de não ter cuidado dele como deveria. De ter estado sozinho em minha própria e egocêntrica caminhada. Tal é o maior azedume da vida. A morte é

impiedosa. Quando leva, não traz. No entanto, a vida quando leva, traz; e quando traz, leva. A morte é inflexível e infeliz. Entretanto, talvez seja quando nossa verdadeira vida comece. Talvez seja o melhor. É gostoso ser otimista. É mais saboroso. Não queria ter saído abruptamente de Serra Musical. Não queria ter abandonado Edna. O mesmo erro que cometi com meu pai há meses, há anos. Todavia, parece que não aprendi. Eu a perdoo, mas não consigo conviver com sua presença. A companhia de Edna Maria se tornou maçante e nasci para viver solto, para me sentir solto, ao menos. Edna me prendia. Conotativamente, claro.

Como o espectador sabe, nasci em Serra Musical, mas lá não durei muito

após a ruptura do cordão umbilical. Minha mãe, Mãezinha, era uma criatura assaz doce, porém, quando tinha um lampejo, nem os sacerdotes da São Pedro, nem os curas da circunvizinhança eram capazes de dissuadi-la de tal empreendimento, fosse cômico ou trágico, penoso ou ínfimo. Sendo assim, mal nasci, saí de Serra Musical e nessa cidade não estive muito desde meu nascimento, exceto por alguns dias com meu pai e esses dias de há pouco com Edna Maria. Portanto, considero Milho-Mor, composto por meus milharais, o município da minha natividade.

Morei sozinho por anos. Mãezinha fugiu para Recife quando eu tinha oito e Anil só aparecera com mais pujança na cerimônia de feitura do ser que

lhes fala. Ele não tinha me visto até os meus cinco anos, mas ele me coproduziu, como se eu fosse uma peça, numa noite chuvosa de agosto.

Esqueçamos a chuva. Aqui estou no calor fresco, no frescor tépido a apreciar mais uma vez o pôr-do-sol. Eu nasci para me sentir solto. Para andar até mesmo em uma nuvem de areia, para sentir o odor dos ruminantes, para porventura parecer um um arbusto apetitoso aos seus olhos, para interagir com todos os meus companheiros de planeta. Sem distinção de animal. Quando cheguei na rodoviária de Serra Musical, peguei um ônibus e voltei para Milho-Mor. Edna decerto pensou que ia de trem para qualquer lugar que fosse, pois confessei uma vez meu pavor por

viagens de ônibus. No entanto, enganei-a.

Na cidade, fui bem recebido. Não por todos, claro. Havia um gato desconhecido na minha casa, mas o meu estava todo contente com minha chegada. Alguns cães fizeram uma movimentação estranha e eu estava tocado. Choveu muito. Logo quando cheguei, choveu tanto. A chuva trouxe muita terra para a rua. À noite, mirei o poste novamente como se fosse uma lua com reflexões saudosistas e merencórias. O lugar no qual iria somente relaxar seria no banheiro, durante a toalete. Fui dormir e quando a luz voltou, já parti para uma viagem de alguns dias. Nem eu mesmo sabia ao certo minha destinação.

Lago Verde

Estava com muita precisão dessa pequena viagem e este lugar se tornou uma espécie menos dramática de refúgio. O Lago Verde, como aqui era chamado, me ofereceu o que nenhuma latitude ou sequer alguma longitude foram capazes de fazê-lo. Vir (*vim*) aqui foi uma decisão intuitiva e pouco ou quase nada premeditada. Devo dizer que fui muito bem acolhido pelas árvores, pelas corujas, pelo pau-ferro, pela gata e pelas cabras cantantes e dançantes.

O imenso firmamento me abrigava e me acalmava. Ao lado da pintura, as gatas se deitavam e o préstito de ovelhas caminhava ao lado do seu

pastor. O fogo cozinhava a sopa de verduras e a cabra-menor não conseguia beber água. Foi uma injustiça que lutei contra. As telhas eram, juntamente com a circunferência da pintura, um dos lugares favoritos das gatas-gêmeas. Assim que amanheceu, leite de gado, cuscuz com milho natural e cevada foram servidos. Uma árvore de Natal dourada se mantinha firmemente em pé e a xícara representava uma cena do tempo renascentista. A escultura do amplexo estava pouco abaixo do telhado, enquanto o berço completava sua órbita. Estes cães são sempre amigáveis entre si, exceto quando há comida no momento. As gatas são mais unidas e limpas, como sempre.

Eis o Lago Verde. Vir (*vim*) para este lugar foi como receber a extrema-unção. Sim, porque meu espírito estava moribundo. Não o meu corpo, que é ainda jovem e saudável. Meu espírito se encontrava em circunstâncias insalubres. Vivia de forma deletéria. Vivia numa autodestruição, à semelhança de um castelo que comia suas próprias pedras. E o Lago Verde me trouxe rejuvenescimento. Trouxe-me vigor.

Estou resiliente, como o mandacaru, como o sertão em tempo de estio, como a terra após uma chuva desmedida e inclemente. Entretanto, parecia que mais chuva viria. As nuvens me contaram que o mar cairia pelo céu. Até aqui a civilização trouxe tijolos e cerâmica. Até aqui, ao

glorioso Lago Verde. Embora aqui esteja grandemente maravilhoso, deveria retornar. Iria com certeza chover. Eu não me assustava com os trovões, mas sem a penumbra de uma dúvida estava admirado com a química que a abóbada-celeste demonstrava. Quando a chuva parou, parecia que havia amanhecido, embora estivesse no ocaso. Eles são similares.

Estava jubiloso por ter presenciado água no sertão. Aqui, aparentemente, chove mais que no agreste. O fulgor da paisagem me lembrou de Edna Maria. Como ela estaria? Com suas zínias, ou ciúme-de-velho? Pensativa? Nostálgica? Futurista? Verificando sempre suas correspondências? Tomando café, chá ou suco? Não sei.

Um dia saberei. Mas por agora, aqui meus pensamentos andaram, dei minhas menções, aqui estão minhas impressões.

Fabio Antonio

Since February 2022, Fabio leads an artistic career very creative and fruitful. From short films as *Dialogue*, monodramas as *A Decision To Make* and *Let's Make Love*, motion pictures as *Impressões*, books of poetry as *Anil Tardio*, Fabio stretches always his imagination and talent with works of quality in the areas of literature, theater and music.